

DIADORIM COMO DIABO FEMININO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

DIADORIM AS A FEMININE DEVIL IN “THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS”

Carlos Silva

Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Professor da Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Professor do Instituto Blumenauense de Ensino Superior (IBES)

carlosclau@hotmail.com

RESUMO

Essa análise trata da travessia amorosa - e conflituosa – de Riobaldo entre Diadorim e Otacília. O mito de Lilith, a encarnação primeira do diabo feminino, está presente no triângulo amoroso em Grande Sertão: Veredas. E neste percurso, os personagens entram em outros personagens para construção de histórias dentro de outra história. Há uma analogia entre os mitos Adão e Lilith e Adão e Eva - conflito de um homem entre duas mulheres, sendo uma pactuada com o Diabo e outra celestial. No final, Riobaldo chega à salvação e à purificação.

Palavras-chave: Diabo. Mito. Travessia. Amor. Purificação.

ABSTRACT

This analysis deals with the liaison passage – and unsettled – of Riobaldo between Diadorim and Otacília. The myth of Lilith the first incarnation of the feminine devil, is present in the in the love triangle in *The Devil to Pay in the Backlands*. In this way, the characters enter in other characters to the construction of stories within another story. There is an analogy between the myth Adam and Lilith and Adam and Eve – a conflict of a man between two women, being one agreed with the Devil and another celestial. In the end, Riobaldo gets to salvation and the purification.

Key words: Devil. Myth. Way. Love. Salvation.

Alberto Cousté, em a Biografia do diabo, lembra o mito de Lilith, a encarnação primeira do diabo feminino. Aliás, ela fingindo não ter reparado na presença do penitente Adão, foi banhar-se nas águas do Geon e aproveitou para exibir todos os seus encantos. Adão sucumbiu à tentação do Diabo – que não tinha conseguido vencê-lo, por assim dizer de homem para homem – e viveu com ele, sob a forma da irresistível Lilith, nada menos que 130 anos.

Essa tentação demoníaca está presente no triângulo amoroso em Grande Sertão: Veredas envolvendo Diadorim, Riobaldo e Otacília, não exatamente nesta ordem. Entre tantas outras dualidades apresentadas no romance, estão os sentimentos de bem/mal, de Deus/Diabo, de viver/morrer e que se direciona também para o sentimento de desejo carnal. São os tormentos que assolam durante o processo de travessia e ao qual está submetido Riobaldo. E nesta imensa vereda, os personagens entram em outros personagens para construção de histórias dentro de outra história. Há uma analogia entre os mitos Adão e Lilith e Adão e Eva. O conflito de um homem entre duas mulheres, sendo uma pactuada com o Diabo e outra celestial.

E entre todas as travessias que Riobaldo (semelhante a Adão) passa, passou ou irá passar, está a amorosa e, de certa forma, conflituosa, entre Diadorim e Otacília, mas que no final leva Riobaldo à salvação e à purificação. É preciso passar por estas duas mulheres para sair do caos e alcançar a beatitude humana, ou simplesmente acalmar um coração em total estado de confusão.

Em meio a este caminho de “purificação”, surgem amores carnis, como o de Nhorinhá, uma prostituta que foge dos arquétipos pré-concebidos e torna-se personagem no entre lugar, uma ponte entre o bem e o mal para levar Riobaldo a atingir a beatitude, que só é possível com Otacília. Adair de Aguiar, em *Mulheres Rosianas*, observa que a espiritualidade luminosa de Otacília o eleva ao sagrado, através de uma abertura para um universo sobrenatural, transcendente. “Por isso as ações de ambos não são orientadas para comportamentos da atividade fisiológica e superam o desejo sexual”.¹

Adair de Aguiar acrescenta ainda que os atributos de Otacília não se restringem a sua capacidade de sedução e que sob sua conduta, dividi-se uma linguagem oculta e simbólica. Esse amor segue além dos contornos de um envolvimento platônico, perfilando a

¹ NEITZEL, Adair de Aguiar. *Mulheres roseanas: percursos pelo Grande sertão:veredas*. Florianópolis, UFSC, Univali, 2004. p. 79

idéia do “amor total”, um amor não abalado pelo dualismo do sensível e do inteligível, que não separa o corpo e a alma, cujo centro gravitacional se localiza no próprio objeto do amor, indivisivelmente físico e espiritual. Fedro, em seu discurso em o Banquete, assinala que os homens que desejam viver uma vida honesta não devem se prender às linhagens, nem às honrarias, nem à riqueza. “Só o amor consegue isso”², e é este amor que serve de contraponto a Diadorim, a quem tem pacto com o Diabo, que leva o homem a sofrer, algo como o sofrimento de Adão diante da diaba Lilith.

E o amor que Otacília destina a Riobaldo não é aquele que apenas certifica a continuidade das espécies, mas o que tem força de provocar a coesão interna, amor como centro gravitacional e unificador. O encontro dos dois se resume na união dos opostos, formam um par antagônico em que o enlace torna-se possível graças à natureza campestre e sertaneja de Riobaldo. Porém, o contraponto desta união está em Diadorim, que gera o estado de confusão neste círculo amoroso.

Diadorim, meu amor, ...” como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos.³

Novamente voltamos em Platão para ver aquilo que se dá em quem é amado. “Nunca um indivíduo se mostra mais confuso do que quando, por via de alguma falta sua, é surpreendido pela pessoa que ama”.⁴

Diadorim se mostra benevolente e terrível. Ao mesmo tempo em que não mantém uma postura de piedade diante do inimigo, parecendo inumana, com Riobaldo ela sustenta um relacionamento terno e de grande intimidade com a natureza. E assim se apresenta duplamente poderoso devido a sua natureza andrógina, configurando-se um caráter demoníaco e angelical, algo de maravilhoso e terrível, a encarnação do Diabo (feminino).

Tal constituição complexa deixa em Riobaldo uma interrogação sobre o paradoxo da coexistência bem/mal (Deus/Diabo), esta travessia para beatificação, que vai marcando o romance. E ao lado do amor tormentoso e as agruras da guerra, encontra-se o ancoradouro Otacília, o porto seguro, a figura que anuncia uma outra face. O encontro entre os dois faz em Riobaldo surgir um sentimento leve, tranqüilo, sem aspirações ou desejos carnavais.

² PLATÃO. *Apologia de Sócrates: Banquete*. Tradução: Jean Melville, São Paulo, Martin Claret, 2002. p. 103

³ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19.ed, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001. p. 3007

⁴ Idem. P. 103

Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase. (...) Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de beleza.⁴

Essa união aponta para uma nova possibilidade de vida, um momento singular: a possibilidade de distanciamento da jagunçagem, a volta ao mundo que reflete os costumes urbanos. Otacília mantém a todo o momento a condição de “donzela”, produzindo em Riobaldo o deslumbramento, devido às virtudes que revelam um espesso verniz cristão. Uma conduta elevada ao cume da moralidade ideal. Otacília e o mito de Eva ou de Maria, a submissa, a que está na família para ajudar e servir ao marido, cuidar da casa e dos filhos.

Entre Riobaldo e Otacília, como destaca Adair de Aguiar, não paira nenhum artifício de satisfação sexual, porque, erigidos a um grau superior – distante do carnal – a doação pode ser total e ilimitada.

Em Otacília reconhece-se um tom religioso, uma visão sobrenatural, identificada com a figura de Maria – mãe de Jesus⁵. Mas, ela também pode ser associada ao mito de Eva, criada a partir da costela de Adão, tornando-se assim a segunda mulher dele. Conforme este mito, Eva nasce para fazer o contraponto a Lilith, que seria a primeira mulher de Adão. Enquanto a segunda recebe a incumbência de ser companheira, responsável pela criação dos filhos e, principalmente, obediente ao marido. Coisa que a primeira (Lilith) não foi. Aliás, Diadorim está para Lilith, assim como Otacília para Eva.

O mito de Lilith aparece no Zohar, o livro do Esplendor, uma obra cabalística do século 13, que constitui o mais influente texto hassídico e do Talmude, o livro dos hebreus. A primeira mulher de Adão foi descrita depois como “a estranguladora alada, que se torna conhecida, em todo o mundo, com os nomes de a dama de pernas de asno, a diaba raposa, a sugadora de sangue, a mulher devassa, a fêmea impura, o fim de toda carne, o fim do dia, bruxa, feiticeira, raptora e maga.”⁶

O lado impuro e cruel de Diadorim, este lado Lilith, está em não declarar verbalmente seu amor por Riobaldo. E mesmo recusando as solicitações do amigo para sair da jagunçagem e procurar outra coisa para fazer, ela corresponde favoravelmente ao sentimento de amor de Riobaldo. E ainda se mostra enciumada diante de Otacília, reprovando, inclusive as demais aventuras amorosas do amigo.

⁴ ROSA. Op. cit. p. 156

⁵ Essa imagem de mulher pura que a Virgem Maria representa foi paradigma desde o século IX e cristalizou-se na cultura ocidental, instigado pelas Cruzadas.

⁶ KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. Editora Cultrix Ltda. São Paulo, 1997. p 13

A impureza de Diadorim fica mais visível pelos excessos do mundo da jagunçagem e até nas conversas reservadas que tem com o amigo. São diálogos que mostram a braveza de um jagunço na pele de mulher, mas que age como homem valente, bom de briga e exigente de valentia dos demais companheiros. Numa conversa com Riobaldo sobre Hermógenes, considerado homem duro, pactuado com o diabo, e extremamente cruel, Diadorim vai questionar: “Você acha que a gente corta carne é com quicé, ou é com colher-de-pau? Você queria homens bem-comportados bonzinhos, para com eles a gente dar combate a Zé Bebelo e aos cachorros do governo?!”⁷

Tais reações sustentam a visão que Riobaldo tem de Diadorim como um alimentador de ódio. Mas como mulher travestida de homem, é preciso incorporar o perfil de guerreiro agreste, pronto para matar ou morrer sem medo, para que seu corpo feminino não avulte e para tanto é necessário se mostrar, muitas vezes, irredutível e mortífera. E ironicamente é Diadorim quem viabiliza a entrada de Riobaldo no mundo masculino, no qual a coragem é o atributo de maior valor, como destaca Adair de Aguiar Neitzel. “Diadorim exerce sobre ele um desmedido controle; seu excesso de coragem, sua nobre ascendência, exercerão sobre ele – um filho bastardo, excluído pelo destino do universo masculino, pobre pedinte – um eterno sentimento de submissão.”⁸

Desde menina, Diadorim surge transvestida no primeiro encontro com Riobaldo às margens do São Francisco, criando-se o enigma, que ao lado do pacto com o demônio, ancorará a trama do romance e as incertezas do narrador. A travessia do rio vai antecipar aspectos da caracterização de ambos e os laços complexos de um intrincado e doloroso amor.

Riobaldo sai das aventuras do sertão, da vida de luta, de armas e de um amor complexo e conflituoso para retornar à Santa Catarina para ser feliz com Otacília. “Conforme me casei, não podia ter feito coisa melhor, como até hoje ela é minha muito companheira”⁹. Isso só acontece depois de feito a travessia pelo sertão, conduzido pelos braços de Diadorim, a transvestida de homem, a andrógina do sertão, aquela que é pactuada com o Diabo. Diadorim, a exemplo do Diabo, superou não só a angústia da morte – que os distingue dos homens -, mas também o mais profundo problema da ontologia: a identidade¹⁰.

⁷ ROSA, Op. cit. pgs. 187/188

⁸ NEITZEL. Op. cit. p. 52

⁹ ROSA. Op. cit. p. 619

¹⁰ COUSTÉ, Alberto. *Biografia do diabo: o diabo como a sombra de Deus na história*. Tradução: Lucas de Albuquerque – 2 ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997. p. 59

Cousté lembra que em toda parte se vê o diabólico, o mundo inteiro é por ele invadido e sua vítima é, por excelência, a mulher. Porque a mulher está mais predestinada ao mal que o homem. Segundo os textos bíblicos “toda a malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher; que a sorte dos pecadores caia sobre ela!” (Elesiástico 25:26).

A malícia de Diadorim está em manter Riobaldo sempre por perto, de não dar esperanças, mas também de não tirá-las. Uma promessa silenciosa de incentivo ao amor, o dúbio sentimento de estar perto/longe. Esta manifestação diabólica que perdura entre os homens, mesmo depois da chegada do filho de Deus. O Diabo está solto, reforça Cousté. “Embora acreditando que Jesus havia vindo ao mundo para salvar o homem do poder do Diabo, a Igreja deixou de sustentar que ele estava totalmente vencido. Se assim fosse, não haveria razão para a continuada existência da Igreja”¹¹.

Tanto o Diabo não está vencido, que suas estratégias de permanência na terra são as mais diversas e uma delas é a de se manter, entre outras coisas, transvestido de mulher: o andrógino à mercê da fecundidade dos dois sexos. Uma divindade que pode gerar-se sem a participação de um parceiro do sexo oposto, engendrando tudo quando pensa procriar, bastando a si próprio plenamente. Adair de Aguiar assinala que Diadorim é a personagem que demonstra essa auto-suficiência, essa onipotência dos deuses, transmitindo a idéia de um ser compósito, que é total. “Ora, o que é total comporta os opostos em todos os níveis, havendo uma congregação de duplas opostas, macho-fêmea, amor-ódio, trevas-luz, Bem-Mal, Céu-Terra, Sol-Lua”.¹²

Essa dualidade conflituosa mantém-se num corpo de mulher que age como homem, ou melhor: o súcubo atormentando o imaginário de Riobaldo. “Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu”.¹³ E em Diadorim há um estado paradoxal no qual os contrários coexistem. Com seu hermafroditismo simbólico, ela potencializa esses opostos, apresentando a conciliação. As multiplicidades formam os aspectos de uma misteriosa unidade, a integração final. E como o mundo viril em que ela vive é extremamente violento, direcionado para guerra, ela precisa transcender sua situação particular para que sua atuação se identifique com esse mundo vil e bárbaro.

¹¹ Idem. p. 34

¹² NEITZEL. Op. cit. p. 49

¹³ ROSA. Op. Cit. p. 327

Temos então uma figura como muitas outras divindades que se mostra benevolente e terrível e seus traços e condutas se aproximam dos daimones sagazes e engenhosos, de força e potencia sobre-humanas, tanto benéficas quanto malignas. E por serem terríveis, os pactuantes com o Diabo (Diadorim e Hermógenes) travam a batalha final no meio da rua. E somente eles podem brigar à mesma altura, ambos têm forças semelhantes, não temem a morte e dispõem de coragem acima dos demais jagunços. É um duelo de pactuários, que transcendem o simples desafio, a disputa de poder sobre um determinado grupo. É a luta dos semelhantes e ao mesmo tempo dos diferentes e que têm em comum o pacto com o “sem nome”.

... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* Sangue. Cortavam toucinho debaixo de couro humano, esfaqueavam carnes. Vi camisa de beatilha, e via as costas de homem remando, no caminho para o chão, como corpo de porco sapecado e rapado... Sofri rezar, e não podia, num cambaleio. Ao ferreiro, as facas, vermelhas, no embrulhável. A faca a faca, eles se cortaram até os suspensórios... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* Assim, ah – mirei e vi – o claro claramente: aí Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes... Ah, cravou – no vão – e ressurtiu o alto esguicho de sangue, porfiou para bem matar.¹⁴

Mas Diadorim ao lado de sua forma ameaçadora, em sua vontade inflexível de guerrear (o que, aliás, fica evidente na batalha final), apresenta-se também em uma forma graciosa. Ao mesmo tempo em que não mantém uma postura de piedade diante do inimigo – conduta supostamente feminina –, parecendo inumana, sustenta com Riobaldo um relacionamento terno e de grande intimidade com a natureza. Bem ao contrário da Diadorim que está no meio da rua guerreado com Hermógenes até a morte. E é assim que ela se apresenta, duplamente poderosa devido a sua natureza andrógina, configurando-se um caráter demoníaco e angélico, vindo a ser maravilhosa e terrível – *deinos*.

Essa constituição ambígua de Diadorim deflagra um processo de interrogação constante em Riobaldo, sobre o paradoxo da coexistência do Bem e do Mal, fio que conduz todo o romance até chegar ao ápice, com o duelo dos pactuantes. As incertezas ocorrem constantemente durante o desenvolvimento do Grande Sertão: Veredas. Surgem sinais que indicam um mistério em torno de Diadorim. Tais sinais são observados por Riobaldo, mas em nome da moral da jagunçagem não é levado muito a sério. Estão evidentes os gestos delicados, as mãos finas e brancas, a aparência clara, os olhos verdes que o encantam, características que contrapõem ao perfil de um guerreiro que age com frieza e racionalidade, mostrando-se sempre corajoso e valente nos brios e armas, critério de virilidade no sertão,¹⁵ como bem observa Adair.

¹⁴ ROSA. Op. Cit. p. 611

¹⁵ NEITZEL. Op. Cit. p. 57.

É o diabo disfarçado com a figura de mulher representada como o amor carnal. É o anjo caído, mulher divina, porém pérfida. Semelhante as tentações de Santo Antônio, a partir do pensamento luxurioso e que aparece “sob a forma de mulher”¹⁶, segundo relato de Nogueira.

Todas estas pistas a respeito da aparência de Diadorim e de seu comportamento feminino são perceptíveis, mas como o corpo é de homem, elas geram uma profusão desnorteada de sentimento. Riobaldo está envolto numa enorme cegueira e não consegue decifrar aquele ser-mulher. Como existe a refutação do prazer, ambos vivem angustiados. Diadorim porque coloca sua “missão” acima de seus anseios pessoais e por isso carece de continuar travestida, não podendo manifestar um amor sensual. Riobaldo porque vê, seguindo sua intuição, num anseio perturbador, Diadorim em metamorfoses imaginárias, alimentando intimamente a surda esperança de nela vislumbrar uma mulher.

A face diabólica é visível pelos excessos do mundo da jagunçagem e Diadorim torna-se um “alimentador de ódio”. Como mulher travestida de homem, é preciso incorporar o perfil de um guerreiro agreste, pronto para lutar e morrer sem medo; para que seu perfil feminino não avulte, ela inclusive mostra-se, muitas vezes, irredutível e mortífera. Seguindo aquilo que diz Santo Agostinho de que se “algo for privado de todo o bem, ficará reduzido a nada.”¹⁷

A ambigüidade curiosa na história toda, como observa Adair, é sustentada pela pluralidade de nomes usados por Diadorim, que só é chamado assim por Riobaldo, porque na jagunçagem é conhecido por Reinaldo, sendo que seu nome de batismo é Maria Deodorina de Fé Bettancourt Marins. O que, aliás, são três denominações para uma só pessoa.

Reinaldo é um nome de origem germânica e está relacionado àqueles que governam – *Ragan*, conselho, e *Wald*, que dirige –, nome, portanto, muito pertinente ao jagunço que é filho de Joça Ramiro. Nessa condição, Diadorim representa também a ordem, a autoridade, o poder na jagunçagem. Deodorina parece derivar de Diadorina, Diodora, que vem do grego Diádoros, de dio, raiz que se acha em Zeus, Diós, o deus Zeus, e Dôron, dom, presente, pelo latim Diadoru.¹⁸

Todos estes nomes revelam a feminidade, que desvela a sua sexualidade e está relacionado ao dom divino. O nome Diadorim se apresenta como uma encruzilhada de

¹⁶ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2000. p. 46

¹⁷ AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros, Rio de Janeiro, Tecnoprint S.A, 2001, p. 130

¹⁸ NEITZEL. Op. Cit, p. 59

conotações positivas e negativas e muitas coisas podem ser reveladas nesta síntese de diversos elementos, num encontro de pólos opostos¹⁹. *Diá*, palavra relacionada com o diabo – o impulso caótico que fervilha em seu ser – semanticamente oposto ao *diá* relacionado com *dea*, referindo-se a Deus. *Dia* – também recebe conotações de tempo, luz, brilho, e mantém relação com o astro lunar apresentando-se no mesmo pólo de *dea*. Já *im* é um sufixo neutro que também projeta uma luz ambígua, utilizado tanto para o masculino como para o feminino. Assim, o nome Diadorim sustenta a premissa do ser andrógino e, portanto, composto, possuindo as duas faces: temível/benevolente, entrelaçada com o problema da natureza Mal/Bem (Deus/Diabo).

E no jogo dos opostos, Riobaldo é levado a sair de sua situação imediata e pessoal para alçar-se a outra realidade, através da contemplação e da meditação. Começa a entrar numa vida voltada aos valores do espírito e o discurso que Diadorim dirige a Riobaldo é despido da preocupação de assegurar seu poder, de provar sua virilidade, mantendo-se firme no propósito de demonstrar seu apreço ao belo e a induzir Riobaldo a incorporar este conhecimento. Utiliza-se, para tal, de um repertório verbal bem diverso daquele comum entre os jagunços, permitindo-se manifestações de seu lado feminino. Aliás, no primeiro encontro entre os dois, ainda bem jovens, começam a surgir estes primeiros sinais, durante uma travessia no rio São Francisco. Riobaldo então pergunta ao menino Reinaldo:

Você é valente, sempre?” – em hora eu perguntei. O menino estava molhando as mãos na água vermelha, esteve tempo pensando. Dando fim, sem me encarar, declarou assim: - “sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...” E eu não tinha medo mais. Eu? O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei – eu não sentia nada. Só uma transformação pesável. Muita coisa importante falta nome.²⁰

Riobaldo recebe as palavras de Diadorim com entusiasmo e o desvelamento acontece entre eles. O sentimento que os une, uma pulsão amorosa, anuncia a ultrapassagem, ainda que momentânea, da igualdade sexual, fundando um relacionamento que elimina fronteiras, dando início ao dúbio, ao ambíguo e a confusão sentimental.

Isso posto, e voltando em Cousté, abre-se um entendimento sobre Diadorim como sendo o diabo transvestido de mulher em Grande Sertão: Veredas. O tentador bifronte em

¹⁹ MACHADO, Ana Maria. Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.66.

²⁰ ROSA, Op.Cit. p.125

que uma de suas caras é carrancuda, austera, melancólica. A outra ri e sorri permanentemente. Se há presente no espírito a ambigüidade essencial do personagem, esse detalhe não deixa de ser revelador.

O Diabo usa alternativamente a lisonja ou o ultimato, a sedução ou o horror. Sua infinita fadiga bem pode tê-lo levado à criação desses estereótipos, nos quais a limitada imaginação dos homens vê o que deseja ver: os rasgos festivos do amante, o sombrio rosto da ameaça.²¹

E é isso que Riobaldo vê em Diadorim, os rasgos festivos do amante, a necessidade de estar por perto fisicamente ou mentalmente quando estão distantes corporalmente. Toda sua história de amor é uma forma de desabafo do pecado, do livrar-se desta tentação que atormenta, assim como Lilith atormentava Adão na ausência de Eva. Diadorim em GSV é o diabo hermafrodita, que pode se manifestar na forma masculina e feminina e que se rende à velha nostalgia do andrógino, esse mito auto-suficiente que remonta aos ritos primordiais da humanidade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros, Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, 2001
- COUSTÉ, Alberto. *Biografia do diabo: o diabo como a sombra de Deus na história*. Tradução: Lucas de Albuquerque – 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997
- KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. São Paulo: Cultrix, 1997
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- NEITZEL, Adair de Aguiar. *Mulheres roseanas: percursos pelo Grande sertão: veredas*. Florianópolis: EDUFSC; Itajaí: Ed. da Univali, 2004
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2000
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates: Banquete*. Tradução: Jean Melville, São Paulo: Martin Claret, 2002
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19 ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

²¹ COUSTÉ, Op. Cit. p 26